



Nossa independência enquanto sonho coletivo em que caibamos todos nós

Ontem, comemoramos a data de nossa independência em meio a festas e conflitos. Fiquei pensando no dia 10 de dezembro de 1948, quando o mundo testemunhou um marco de esperança e dignidade: a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, um documento que é mais do que uma coleção de normas e princípios, é um testemunho do desejo humano universal por respeito, liberdade e justiça.

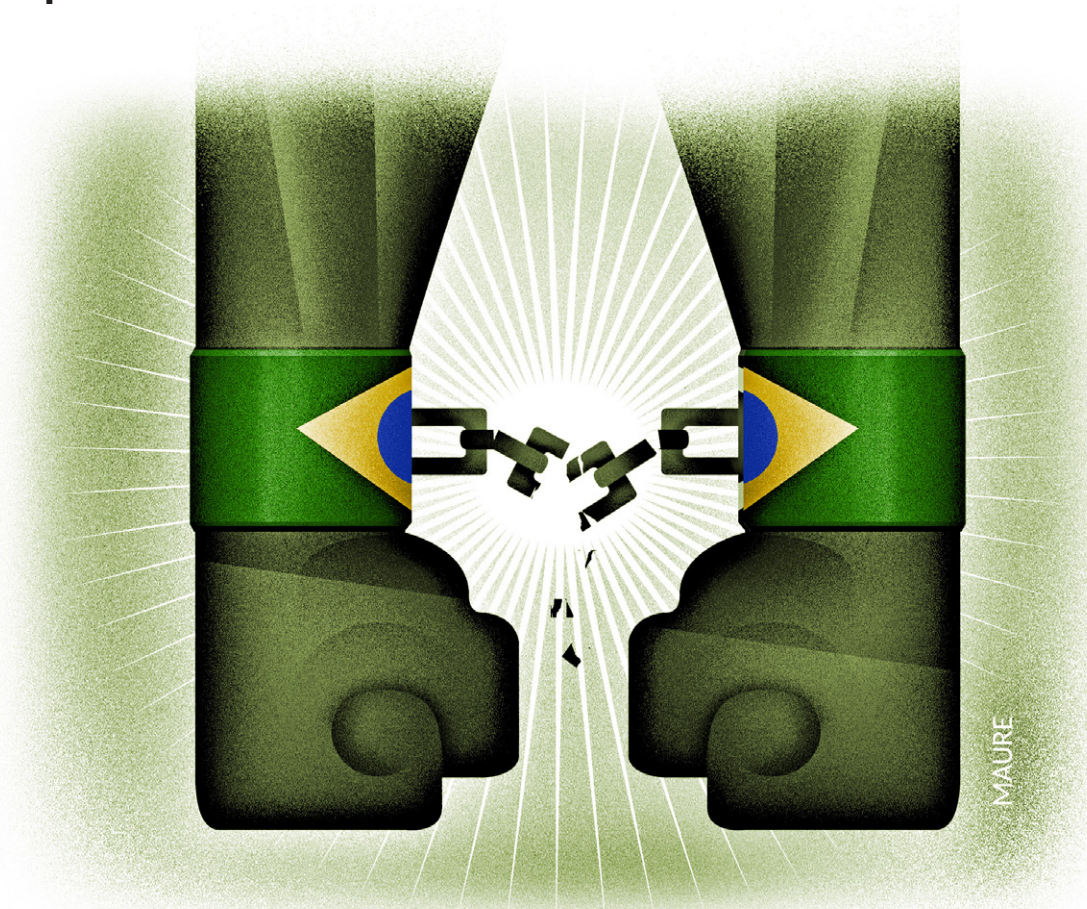
A declaração surgiu de um período de devastação e reconstrução. Após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, havia um clamor global por um novo começo, um sistema que garantisse a proteção dos direitos individuais e a promoção da igualdade. A ideia era clara: todos os seres humanos nasciam livres e iguais em dignidade e direitos.

Imagine o contexto da época. A dor das guerras recentes ainda estava fresca, e o mundo estava se levantando das cinzas. No entanto, os líderes mundiais, com uma visão mais ampla, decidiram que era hora de declarar um compromisso coletivo com a dignidade humana.

O documento, redigido com uma simplicidade eloquente, estabeleceu princípios que pareciam quase utópicos: a igualdade perante a lei, a liberdade de expressão, o direito à educação, e a proteção contra tortura e discriminação. Eleonora Roosevelt foi uma grande força na construção desse sonho coletivo e sinto que a presença de uma mulher de mente brilhante foi um fator decisivo na elaboração desse marco que mudou a história do mundo.

Ao longo dos anos, a declaração tornou-se uma espécie de bússola moral, guiando movimentos de justiça e ativismo em todo o planeta. Cada artigo é um lembrete de que a humanidade compartilha uma base comum, uma interconexão que transcende fronteiras e diferenças culturais. Ela inspirou constituições, leis e tratados, ajudando a moldar o conceito moderno de direitos humanos.

Mas, como qualquer ideal, sua implementação tem sido um desafio. Embora muitos países



tenham adotado princípios da declaração, a realidade muitas vezes não corresponde ao sonho. Desigualdades persistem, e violações de direitos humanos ainda são uma preocupação global. A declaração, portanto, não deve ser vista apenas como um documento histórico, mas como um chamado contínuo à ação.

Cada ano, ao celebrarmos o Dia dos Direitos Humanos, somos convidados a refletir sobre esses ideais e a renovarmos nosso compromisso com eles. A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um lembrete de que, apesar das dificuldades e das falhas humanas, há uma força inabalável no desejo coletivo por um mundo mais justo. Ela nos desafia a acreditar em um futuro em que os direitos de todos

sejam verdadeiramente respeitados e garantidos.

A luta pelos direitos humanos é uma jornada sem fim, marcada por avanços e retrocessos. Ontem foi 7 de Setembro, dia da nossa independência, e várias manifestações aconteceram por todo o país. Minha vontade é que possamos construir uma nação respeitosa, em que os indivíduos possam conviver em harmonia, independentemente de idealismos políticos, e que para isso possamos nos inspirar na Declaração Universal!

Não podemos perder de vista que uma declaração como essa é tanto uma conquista quanto uma promessa: uma conquista pelo progresso que fizemos até agora e uma promessa do que ainda podemos alcançar. Ao olharmos para trás, vemos o brilho de um ideal que continuamos a perseguir, e ao olharmos para frente, encontramos a inspiração para continuar lutando por um Brasil e um mundo melhores.